

Dois documentos

A guerra de 1870

É um documento interessantíssimo neste momento a proclamação de Napoleão III, publicada no *Journal officiel* de 22 de Julho de 1870. Salvo a invocação final à divindade, parece a linguagem dos governantes republicanos de 1914.

A imprensa francesa e francófila da época elogia o manifesto imperial e decanta a guerra desinteressada, de princípios. Na Câmara, fala-se numa guerra para reclamar enérgicamente o desarmamento; e o historiador Fustel de Coulanges (*Questions historiques*, pág. 473 e seg.) defende assim o Corpo Legislativo: «Censuram-lhe na verdade o ter acolhido com uma votação entusiástica a declaração de guerra à Prússia; mas deve-se ver bem o que significava essa votação. A assembleia que a fez era certamente uma das mais pacíficas que havia na Europa; ela só votou a guerra mediante a promessa que lhe foi feita de que esta guerra traria um desarmamento geral. Não era a margem esquerda do Reno que ela desejava: era a redução dos exércitos e quase a supressão da guerra no futuro. O seu voto, se formos ao fundo das coisas, foi um voto de paz.»

Mas eis a proclamação imperial:

Proclamação de Napoleão III

Franceses!

Na vida dos povos momentos solenes em que a honra nacional, violentamente excitada, se impõe como uma força irresistível, domina todos os interesses e toma nas suas mãos a direcção exclusiva dos destinos da pátria. Sou para a França uma dessas horas. A Prússia, a qual testemunhamos durante e após a guerra de 1866 as mais conciliadoras disposições, não fez caso algum da nossa boa vontade e da nossa longanimidade. Lançada no caminho das invasões, despertou todas as desconfianças, determinou por toda a parte exagerados armamentos, fez da Europa um acampamento onde reinam a incerteza e o temor do dia de amanhã.

Um último incidente veio revelar a instabilidade das relações nacionais e mostrar toda a gravidade da situação.

Em presença das novas pretensões da Prússia, fizeram-se ouvir as nossas reclamações, que foram esquivadas e seguidas de processos desdenhosos. O nosso país sentiu com isso uma profunda irritação, e logo retornou um grito de guerra dum extremo ao outro da França. Só nos resta confiar os nossos destinos à sorte das armas. Não fazemos guerra à Alemanha, cuja independência respeitamos. Fazemos votos para que os povos que compõem a grande nacionalidade germânica disponham livremente dos seus destinos. Quanto a nós, reclamaremos o estabelecimento dum estado de coisas que garanta a nossa segurança e assegure o futuro. Queremos conquistar uma paz duradoura, baseada nos verdadeiros interesses dos povos, e fazer cessar o estado precário de todas as nações que empregam os seus recursos em se armar umas de encontro às outras.

A gloriosa bandeira que desfraldamos mais uma vez ante os que nos provocaram é a mesma que levou através da Europa as ideias civilisadoras da nossa grande revolução. Representa os mesmos princípios, inspirará as mesmas dedicações.

Franceses! Vou pôr-me á testa desse valente exército animado pelo amor do dever e da pátria. Ele sabe o que vale, porque viu e n quatro partes do mundo a vitória prender-se dos seus passos. Apesar da sua pouca idade, levo meu filho comigo. Ele sabe que deveres lhe impõe o seu nome e está orgulhoso de tomar parte nos perigos dos que combatem pela pátria.

Que Deus abençoe os nossos esforços. Um grande povo que defende uma causa justa é invencível.

Napoleão.

Salvo uma pequena minoria de republicanos intransigente e de internacionalistas, o povo acreditou na justiça da causa, nos nobres intuitos dos governan-

tes e nos resultados antimilitaristas da guerra. E no entanto, foi a França que declarou a guerra, já depois de ter a Prússia cedido à reclamação fundamental (a retirada da candidatura de um Hohenzollern ao trono de Espanha); o imperialismo francês era o que maiores preocupações causava então na Europa.

Enquanto Napoleão III publicava aquela proclamação, as secções parisienses da Associação Internacional dos Trabalhadores lançavam o seguinte manifesto:

Manifesto dos Internacionalistas

«Aos trabalhadores de todos os países!

Ainda mais uma vez, sob o pretexto do equilíbrio europeu, da honra nacional, a paz do mundo está ameaçada pelas ambições políticas.

Trabalhadores franceses, alemães, espanhóis, que as nossas vozes se unam em um grito de reprovação contra a guerra!

Hoje, as sociedades não podem ter outro fim legítimo que não seja a produção e divisão equitativa. A divisão do trabalho, aumentando todos os dias as necessidades da permuta tornou as nações solidárias. A guerra por uma questão de preponderância ou de dinastia, não pode ser, aos olhos dos trabalhadores, senão um criminoso absurdo.

Em resposta ás aclamações belicosas daqueles que se eximem ao pagamento do tributo de sangue ou que encontram nas desgraças públicas uma fonte de novas especulações, nós, que queremos a paz, o trabalho e a liberdade;

Protestamos:

Contra a destruição sistemática da raça humana; contra a delapidação do dinheiro do povo, que só deve servir para fecundar o solo e a indústria; contra o sangue espalhado para satisfação odiosa das vaidades, dos amores próprios, de ambições monárquicas ofendidas ou não saciadas.

Sim, protestamos com toda a nossa energia contra a guerra, como homens, como cidadãos, como trabalhadores! A guerra é o reflexo dos instintos selvagens e dos ódios nacionais. A guerra é o meio indirecto dos governos para sufocar as liberdades públicas. A guerra é o aniquilamento da riqueza geral, obra dos nossos labores cotidianos.

Irmãos da Alemanha;

Em nome da paz, não escuteis as vozes estipendiadas ou servis que hão de procurar iludir-vos sobre o verdadeiro espírito da França.

Ficai surdos ás provocações insensatas porque a guerra entre nós seria uma guerra fratricida. Ficai tranquilos como o poder fazer, sem comprometer a sua dignidade, um grande povo forte e corajoso. As nossas divisões só conduziram ao triunfo completo do despotismo nas duas margens do Reno.

Trabalhadores de todos os países, seja qual for o êxito dos nossos comuns esforços, nós, membros da Associação Internacional dos Trabalhadores, que não conhecemos fronteiras, a vós dirigimos, como penhor de solidariedade indissolúvel, os votos e as saudações dos trabalhadores da França.»

Coisas históricas

31-1908—São presos em Lisboa muitos anarquistas a pretexto de cumplicidade na morte de D. Carlos e do príncipe herdeiro.

JUNHO

1-1912—Sai em Buenos Aires um semanário sindicalista com o título—*O Operário Ferro-Viadro*.

2-1900—Em Chalons-sur-Saone (France) dão-se graves motins com os amarelos por causa da greve na fábrica de Mr. Galland, ficando muitos destes feridos.

3-1910—Em Vigo sai o primeiro número de *O Despertar*, semanário sindicalista-revolucionário.

4-1913—Termina, em Paris, a greve dos padeiros que obtiveram vitória parcial.

5-1897—É comunicada aos anarquistas presos no castelo do Montjuich a ordem de desterro que o governo lhes concedeu.

6-1913—A polícia de Paris procede a novas buscas em casa dos militantes sindicalistas e anarquistas por causa da sua propaganda contra a lei dos 3 anos de serviço militar.

Emancipação da mulher

As causas da desigualdade sexual

No artigo passado vimos que o homem e a mulher são capazes de identicos direitos, seja qual for a opinião que se tenha sobre a sua actual condição física e moral.

É indiscutível, porém, que nos encontramos em frente dum facto consumado, geral em todo o mundo: a sujeição da mulher ao homem.

Quais serão as causas dum fenómeno tão extenso?

A nosso vêr, são duas as razões principais: uma física e confusa, outra económica e mais própria da sociedade moderna.

A servidão histórica da mulher tem por origem primeira a fraqueza física, em que ela se vê em muitas épocas da sua vida.

Na reprodução da espécie, tem o homem uma situação privilegiada. Em muitos dias do ano, a mulher é invadida por debilidade e desfalecimento produzidos por suas funções naturais; durante a gestação, especialmente nos ultimos mezes, é obrigada a vida sedentária e tranquila; depois do parto tem que ficar de cama por alguns dias; finalmente, a aleitação e os cuidados exigidos pelo bebé constroem—na a ficar quase encerrada em casa, sem poder atender a outra coisa.

O homem, pelo contrário, nada disto sofre, sendo portanto mais apto para prover ao sustento da família.

Refletindo-se que o maior número das mulheres durante cerca de vinte anos, no periodo em que a vida é mais robusta, dependem mais ou menos do homem quanto á manutenção, e que isto dura desde quando surgiu a humanidade, facilmente se compreenderá a actual desigualdade.

Mesmo nos animais, salvo raras excepções, assim aconteceu, pois que, embora nenhum animal exija cuidados tão assíduos e longos para ser criado como o homem, persiste todavia o facto da fraqueza física da fêmea em frente do macho, e da correlativa supremacia deste último.

Entretanto, se essa causa biológica e histórica nos pôde explicar o actual fenómeno, não é esta uma boa razão para que perdue a injusta desigualdade. Pelo contrário: o progresso da civilização, que eleva o sentimento humano, levaria ao desaparecimento deste resto de animalidade.

Por que motivo, ainda que seja reconhecido, permanece o prejuizo? Pela causa económica, propria da moderna sociedade.

O progresso, com a invenção das máquinas, multiplicou a produção: isto á primeira vista deveria parecer logo uma vantagem para a espécie humana; mas hoje não sucede assim.

Enquanto multidões de homens—a maioria—desejariam consumir o que se produz, não o podem fazer, por falta de meios: a classe burguesa, verdadeiro vampiro da humanidade, absorve o útil da produção humana, e forçosamente limita as necessidades dos outros.

Por consequência, a produção não pôde ultrapassar um certo limite; e este facilmente se atinge, visto que por meio das máquinas facilmente se enchem os armazens.

E ha uma constante tendencia, na presente sociedade, para diminuir os braços que trabalham: a cada nova invenção, milhares de operários são postos na rua.

Este fenómeno repercute-se em todos os campos da actividade humana; em todas os officios, em todas as profissões ha excesso de indivíduos que frequentemente lutam entre si, como cães famintos, para disputar um pedaço de pão.

Estando assim as coisas, dada a triste luta pela vida, como poderia a mulher esperar emancipar-se na sociedade actual? Achar-se-ia em face da feroz resistência do homem que vê tirarem-lhe o pão da boca.

Por isso, ousamos afirmar sem hesitação alguma que, enquanto durar a sociedade burguesa, a mulher será sempre oprimida; pois que concedendo-lhe igualdade de direitos, o homem receará nela um terrível inimigo económico.

É necessaria a sociedade que desejamos, para que a mulher pos-

sa tomar o lugar que lhe cabe, e contribuir também para o progresso da espécie humana; visto que, possuindo os trabalhadores os instrumentos de trabalho, e impedindo a acumulação da riqueza social nas mãos de poucos exploradores, a mulher deixará de ser um concorrente para se tornar auxiliar do homem. A humanidade achará a maxima conveniência em a empregar nos trabalhos para que é própria: isso diminuirá o trabalho geral e aumentará o bem-estar.

Então, tendo desaparecido o privilégio económico, esse obstáculo, a espécie humana poderá dizer-se digna da sua civilização.

Porque então o progresso talvez á não só instruido a mente, mas também educado o coração, e ensinado que o manter sujeito um individuo da mesma especie é nocivo a todos, é barbaro, anti-humano.

Mas os pudibundos defensores da ordem actual assustam-se com as consequências que resultariam da emancipação da mulher.

G. H.

Notas singelas

Comentando factos

Estamos numa época em que o imprevisito e a surpresa reinam predominantemente a despeito da creença ingénuo de certas creaturas, acostumadas a vêr virtude e abnegação, onde só existe desmedidos interesses e acomodaticias vaidades.

O momento grave que atravessamos mostra-nos, envolto num manto negro de morte e de desolação, a interminável tragédia da vida, desta vida amarga e canceirosa, onde os proletários estiolam inutilmente as suas forças, succumbindo miseravelmente aos embates furibundos e despedaçadores da miséria, sem que um grito de revolta os impulsione á insurreição, sem que um assomo de consciencia os compenetre dos seus deveres!... Nadal...

A's noites, quando a lua reflecte suavemente, espargindo sobre a terra uma semi-escureidão quasi que acariciadora, parecendo querer dar um tom alegre ás cenas sombrias que nos rodeiam, pelas esquinas das ruas mais silenciosas, bandos dispersos de operários estendem a mão aos transeuntes, implorando numa súplica palpitante e retraida, uma esmolinha pr'a comprar pão aos filhotos!

E enquanto que a negra fome penetra nos tugúrios infectos onde a miséria habita, ceifando vidas, depauperando organismos, produzindo lágrimas, fazendo lançar anátemas e imprecações de lancinante desespero, cá fóra passeia alegremente a burguesia satisfeita, ostentando impudicamente o estendal abjecto das suas torpezas, rindo com um riso amarelado, satânico, de desprêso e d'ódio para a plebe vil e esfarrapada que lhe estende a mão.

A fome sobrepe-se á gananciosa ambição e a desmedida cubiça dos açambarcadores. Embora os armazens regorgitem de mercadorias e de víveres, que a acção do tempo deteriorará se não forem prontamente consumidos—e de certo não são—legiões inumeráveis de famélicos passeiam pela cidade, de aspecto triste e concentrado, pensando talvez—quem sabe!—na realização maldosa dum crime que, se for praticado, a sociedade reprovará em arrebiques hipócritas de moralidade e de repulsa, quando ela é, de facto, a principal criminosa, a unica responsável do iníquo e degradante estado social presente.

Está assim a Vidal...

Agora, como se não bastasse as desgraças presentes para entenebrecer o espirito e roer o debil organismo dos deserdados, anuncia-se, para daqui a quatro mezes, a nossa intervenção armada no abominavel conflito europeu. O actual presidente da republica, numa entrevista concedida ao «Seculo», já o afirmou. Portanto, é muito provavel que daqui a algum tempo vejamos partir para a guerra os primeiros contingentes militares.

...Exércitos inteiros, milhares e milhares de homens, assassi-

nam, numa fúria enebriante de sangue, outros milhares e milhares de homens. E para aumentar a desolação, o luto, a miséria que vai pelo mundo além, Portugal, vai pelo mundo além, Portugal, vai pelo mundo além, Portugal, dando-se ares de valentão historico, todo confiado na sua tradição, prepara-se para a bravura, prepara-se para honra e gloria, prepara-se para localustiar ao seu capricho uma multidão de jovens, a quem a vida começa a desabrochar, e que —triste é dizê-lo—se partirem para a sanguieira, nunca mais disfrutarão o amor angelico das namoradas, as caricias ternas e deleitosas das amantes, as afeições sinceras e desinteressadas dos amigos e a atmosfera cariciosa e branda do lar!...

Oh! horror!... Oh! infamial!...

E nesta conjuntura trágica, nesta abominavel ousadia dos governantes, em que infamissimamente se atenta e se escarnece da pusilanidade inativa do povo, os que obrigação tem de se opôr á vileza monstruosa da carnificina—dadas as ideias socialistas que professam—apregando a Verdade, incitando as multidões á revolta, preparando um colossal movimento de protesto contra a fome e a guerra, fazendo, enfim, alguma coisa de útil que dignifique e desmascare o falso patriotismo do capital,—os que obrigação tem de fazer isto, diziamos: como procedem e qual o seu campo de acção neste momento? A resposta é desopilante.—Em grosso normando, clamam nos seus jornaes que é preciso o povo ir votar por eles, porque só assim conseguirá melhorar a sua difficilissima situação.

Sem coragem para lutar frente a frente contra os erros e os preconceitos; imbuídos do pedantesco orgulho de superioridade e de dirigentes, refesteladamente acomodados, procuram, invocando o seu grande amor pelas ideias emancipadoras e o seu ódio contra as prepotências iníquas da sociedade, acomodarse ainda melhor em lugares onde a péla não corra risco e os lucros não se fagam esperar.

Ludibriados estanhados e cínicos, campeiam á sombra duma bandeira acomodaticia e proven-tosa.

Vamos,—desperte o povo da ilusão fiteia que o traz accorrentado aos mystificadores, não espere que os outros, que se dizem operários mas que nada produzem, lhes traga a salvação pacientemente anciada; organize-se, e convença se, finalmente, que só pelo esforço próprio, directo, conseguirá o almejado fim.

E quando então estiver compenetrado, corra de vez com a bandalheira ignobil do sufrágio universal, desprezando altivamente o sacrificio obstinado dos amigos do povo... aspirantes a legisladores.

J. SALGADO

É um crime fazer ver aos trabalhadores que uma revolução é impossível, ou antes: que o abominavel regimen actual pode ser transformado sem uma profunda Revolução Social.

Krapotkine.

Notas de perto

VIII

Meu caro C.

Não sei o que pensas da medida que te vou deslindando e em que vais vendo como estão ligados entre si, pela identidade de interesses, todos que vivem da bem lucrativa industria da guerra. Se não te aborreceres, terás ainda ocasião de observar cada vez melhor como os capitalistas estão unidos entre si, sem lhes importar para nada a nacionalidade própria, tendo em mira apenas a maior soma de lucros possível, sem incómodo das criminosas consequências e que o seu ignobil trabalho conduz os párias de todos os povos.

Nesta emaranhada rede, que é a construção dos armamentos, viste a semana passada quanto são imensos os proveitos tirados pela Vickers C.* Hoje identificaste—ás um pouco mais sobre o assunto, pois te apresento outras não menos respeitáveis firmas que giram em volta da Harvey United Steel C.* cujas operações financeiras internacionais são como seguem:

«Bettine, Reffaele—Director das fabricas de aço em Ferni, italiano.